

Concelhos do Sabugal, Fornos de Algodres e Meda com consultas de saúde oral

Os concelhos do Sabugal, Meda e Fornos de Algodres vão passar a ter disponível consultas de saúde oral nos respectivos centros de saúde. A implementação desta valência será concretizada no âmbito de um conjunto de protocolos assinados entre a Administração Regional de Saúde do Centro (ARSC) e 17 câmaras municipais da região Centro que visa o alargamento do funcionamento de consultas de saúde oral no Serviço Nacional de Saúde nos cuidados de saúde primários. Os acordos, que foram assinados a semana passada durante a cerimónia "Saúde Oral para Todos", em que estiveram presentes o ministro da Saúde, Adalberto Campos Fernandes, e o secretário de Estado Adjunto e da Saúde, Fernando Araújo, abrangem ainda os concelhos de Belmonte, Covilhã, Fundão, Idanha-a-Nova, Mangualde, Marinha Grande, Mira, Oliveira do Hospital, Penamacor, Pombal, Proença-a-Nova, Sátão, Sertã e Soure. Os acordos abrangem um total de 65 municípios no país. Foram assinados no Centro Cultural de Belém com as administrações regionais e respectivas unidades locais de saúde.

A criação das consultas de medicina dentária a nível dos cuidados de saúde primários arrancou em 2016, de forma faseada, através do desenvolvimento de experiências-piloto que foram sendo alargadas a todas as regiões do país. O Ministério da Saúde tem como objectivo que em 2020 haja médico dentista em todos os municípios.

A meta para Junho de 2019 é que ter cerca de 30 por cento dos municípios abrangidos e 60 por cento até ao final do mesmo ano. «Temos neste momento cerca de 63 consultórios em 53 municípios, mas queremos chegar a todos os concelhos, próximos das pessoas», acrescentou o secretário de Estado Adjunto e da Saúde, Fernando Araújo na cerimónia onde participou a Unidade Local de Saúde (ULS) da Guarda. O portuense acrescentou que «o projeto está aberto a todos os portugueses», mas, em termos de prioridade, do ponto de vista clínico, vai tentar-se abranger os doentes com mais patologias de saúde oral ou outras e a população mais vulnerável.

Na ocasião, o ministro da Saúde considerou que ter um consultório de médico dentista nos centros de saúde de todos os municípios do país até 2020 é «uma medida histórica» e um «sinal muito positivo da descentralização». O ministro salientou que o programa permite manter o programa cheque-dentista, iniciado em 2008, mas também chegar «a uma população diferente, que é uma população mais pobre, mais idosa, com menos recursos».

O Ministério da Saúde realça que a estratégia para a saúde oral no SNS «tem-se orientado para o aumento e melhoria da sua cobertura ao nível dos cuidados de saúde primários, de forma universal e com equidade, para o reforço da literacia, considerando que o conhecimento das populações, especialmente dos mais jovens, e a adequação de comportamentos, nomeadamente preventivos, são componentes decisivas na melhoria sustentada da saúde oral e para o desenvolvimento de acções intersectoriais que envolvam as autarquias, alinhadas com os Planos Locais de Saúde», explica uma nota do Ministério da Saúde.

Exposição "A Fotografia do Nosso Corpo"

O átrio do Pavilhão das Consultas Externas do Hospital Sousa Martins, na Guarda, acolhe, até ao próximo Sábado, a exposição "A Fotografia do Nosso Corpo". A exposição, da autoria de diversos técnicos de radiologia de várias regiões do país, é organizada por uma associação sem fins lucrativos designada NUCLIRAD - Núcleo de Desenvolvimento dos Técnicos de Radiologia. A mostra itinerante teve início em Novembro de 2017 e termina no dia 5 de Outubro, tendo já percorrido diversos centros hospitalares de todo o país.

João Casanova satisfeito por estar a trabalhar na Fundação Champalimaud

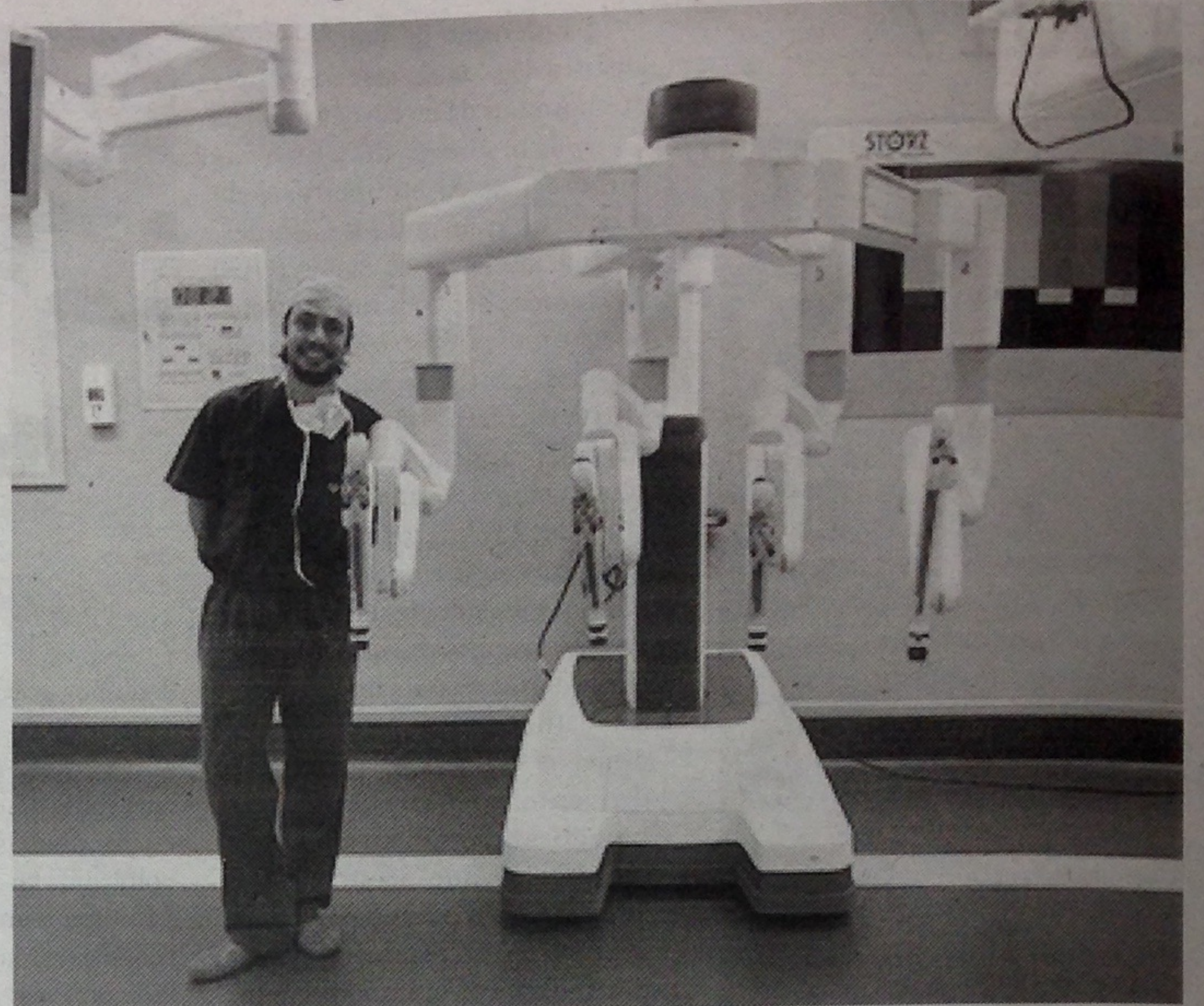
Esteve dois anos no Memorial Sloan-Kettering Cancer Center, em Nova Iorque, a obter uma subespecialização em Ginecologia Oncológica e cumpre-se agora um ano desde que está na Fundação Champalimaud, em Lisboa. João Casanova, médico natural da Guarda, faz um balanço positivo da sua permanência naquela instituição, salientando que «o volume cirúrgico está a aumentar gradualmente» e que há equipas multidisciplinares «verdadeiramente excepcionais». Lamenta que em Portugal não se avance com a centralização dos casos complexos do cancro do ovário.

Um ano depois de abraçar mais um desafio profissional, que balanço faz da experiência que está a ter na Fundação Champalimaud?

A Fundação Champalimaud é uma instituição de excelência e não podia estar mais satisfeito com a escolha que fiz. O nosso volume cirúrgico está a aumentar gradualmente, temos equipas multidisciplinares verdadeiramente excepcionais, temos recursos disponíveis e acima de tudo vontade de melhorar constantemente.

Há muitas diferenças entre o local onde está agora e o do Cancer Center, em Nova Iorque?

O Memorial Sloan-Kettering Cancer Center [MSKCC] é provavelmente o mais



reputado centro oncológico do mundo. Desde logo há uma grande diferença - o número de doentes. Para que tenha noção, o Serviço de Ginecologia Oncológica onde eu treinei, opera cerca de 3000 doentes por ano, o que é mais ou menos o número de cânceres ginecológicos em Portugal num ano (excluindo sempre nesta análise o cancro da mama). Além do mais, o MSKCC foi fundado em 1884 e é portanto uma máquina muito bem oleada. Contudo, a Fundação Champalimaud é uma instituição jovem, e isso tem imensas vantagens, isto é, temos um potencial de crescimento que eu diria exponencial.

Há um período definido para permanecer na Fundação Champalimaud?

Vejo-me a passar muitos e bons anos na Fundação Champalimaud.

O ano passado afirmou ao jornal que o que distinguia internacionalmente o serviço de que fazia parte no Memorial Sloan-Kettering Cancer Center, em Nova Iorque, era a cirurgia complexa

do cancro do ovário. Em Portugal tem havido muitos casos?

Toca num dos grandes problemas da Ginecologia Oncológica no nosso País. Não há centralização destes casos complexos de cancro do ovário. Só cirurgiões com treino nestas cirurgias (implicam por vezes ressecções de vários órgãos) é que deveriam efectuar estes procedimentos e as doentes deveriam ser encaminhadas para centros de referência. Nós, na Fundação Champalimaud, temos todas as capacidades técnicas para oferecer estas cirurgias às doentes e temo-lo feito.

Ora, se não há centralização dos cuidados nesta doença, não podemos ter uma ideia precisa do número de casos por ano. Em Portugal julgo que teremos cerca de 500 novos casos por ano, mas necessitamos de melhorar neste aspecto, como comunidade de Ginecologia Oncológica.

Com o avanço que a ciência e a medicina estão a ter relativamente a este tipo de doenças, as pessoas poderão ter cada vez menos receio

do cancro?

É difícil responder à pergunta. As pessoas terão sempre receio porque a palavra cancro carrega um peso muito grande. Agora, sem dúvida que esta é uma altura excitante para quem trata o cancro pois temos cada vez mais fármacos disponíveis, temos cada vez mais genes identificados e cada vez mais temos tratamentos personalizados, isto é, temos medicamentos para aquele doente que tem aquela mutação. Isto é verdadeiramente revolucionário.

Tem havido uma atenção especial por parte do Serviço Nacional de Saúde para os casos de cancro?

Atendendo a que estive fora 2 anos e que agora trabalho numa instituição privada, julgo que não me ficaria bem pronunciar-me sobre uma realidade que não conheço tão bem. Sei sim que na Fundação Champalimaud dispomos de condições técnicas e científicas comparáveis aos dos melhores centros do Mundo.

Caminhadas "Pequenos Passos, Grandes Gestos" dia 6 de Outubro

Pelo nono ano consecutivo, o Movimento Vencer e Viver do Núcleo Regional do Centro da Liga Portuguesa Contra o Cancro realiza as caminhadas "Pequenos Passos, Grandes Gestos", no próximo dia 6 de Outubro, em simultâneo

nas cidades de Aveiro, Castelo Branco, Coimbra, Covilhã, Guarda, Leiria e Viseu.

Esta iniciativa marca o arranque do mês de Outubro - Mês Internacional de Prevenção do Cancro da Mama - e visa sensibilizar a

população para a prevenção primária e diagnóstico precoce do cancro da mama e angariar fundos destinados ao apoio à mulher e família.

A participação na caminhada é realizada através de uma inscrição, que confere o acesso a um

"kit" caminhada* (t-shirt, garrafa de água e folhetos informativos).

A inscrição tem o valor de cinco euros e reverte na íntegra para o Núcleo Regional do Centro da Liga Portuguesa Contra o Cancro.